

Legado étnico holandês como atrativo turístico na comunidade de Castrolanda, Paraná, Brasil

Dutch ethnic heritage as a tourist attraction in the community of Castrolanda, Paraná, Brazil

Legado étnico holandés como una atracción turística en la comunidad de Castrolanda, Paraná, Brasil

Luana Maria Baldissera¹
Miguel Bahl²
Letícia Bartoszeck Nitsche³

¹Graduada em Turismo pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro) e mestra em Geografia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

²Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Professor dos Programas de Pós-Graduação em Turismo e em Geografia da UFPR.

³Doutora em Geografia pela UFPR. Professora do Programa de Pós-Graduação em Turismo da UFPR.

Resumo: O legado étnico de comunidades de imigrantes pode ser visto como promotor e propulsor da atividade turística, pois elementos da cultura como gastronomia, música, dança, monumentos atraem turistas até as localidades que contenham tais particularidades. Assim, o objetivo deste estudo é verificar a relação do legado étnico holandês com a identidade cultural local de modo a apresentar os principais produtos turísticos culturais encontrados na comunidade de Castrolanda (Paraná, Brasil). A metodologia utilizada foi de cunho teórico, realizada com base em referenciais bibliográficos, eletrônicos e pesquisa de campo. Constatou-se que os principais produtos culturais são o moinho, a Igreja Evangélica Reformada, o Museu do Imigrante, o Café Pub Kroeg “De Molen” e o Grupo Folclórico Holandês, os quais representam ingredientes culturais da identidade local: a arquitetura, a religião, a gastronomia, a dança e a música.

Palavras-chave: legado étnico; identidade cultural; atividade turística; Castrolanda.

Abstract: The ethnic legacy of immigrant communities can be seen as a possibility to promote and propel the tourism, since elements of culture such as cuisine, music, dance, monuments have attract tourists to the locations where there are such features. Then, the objective of this paper it to verify the relationship of Dutch ethnic legacy with the local cultural identity in order to present the main cultural tourist products found in Castrolanda community (Paraná, Brazil). The methodology used here has a theoretical nature, based on bibliographic and electronic references and field research. It was found that the main cultural products are: the windmill, the Reformed Evangelical Church, the Immigrant Museum, the Kroeg Pub Cafe “De Molen” and the Dutch Folkloric Group, all of them respectively cultural ingredients of the local identity: architecture, religion, cuisine, dance and music.

Keywords: ethnic heritage; cultural identity; tourist activity; Castrolanda.

Resumen: El legado de las comunidades de inmigrantes étnicos puede ser visto como una posibilidad de promover y conducir el turismo, pues los elementos de la cultura, tales como la cocina, la música, la danza y los monumentos, han atraído a los turistas a los lugares que contienen esas particularidades. Entonces, el objetivo de este estudio es verificar la relación del legado étnico holandés con la identidad cultural local con el fin de presentar los principales productos turísticos culturales que se encuentran en la comunidad de Castrolanda (Paraná, Brasil). La metodología tiene naturaleza teórica, con base en referencias bibliográficas y electrónicas y en investigación de campo. Se constató que los principales productos culturales son: el molino, la Iglesia Evangélica Reformada, el Museo del Inmigrante, el Cafe Pub Kroeg “De Molen” y el Grupo Folklórico Holandés, que representan, respectivamente, los ingredientes de la identidad cultural local: la arquitectura, la religión, la gastronomía, la danza y la música.

Palabras clave: legado étnico; identidad cultural; actividad turística; Castrolanda.

INTRODUÇÃO

O turismo, ao ser analisado sob o enfoque cultural, chama atenção pelos destinos “ricos” em tradição e cultura incorporados nessa atividade. As diferentes manifestações culturais – música, dança, gastronomia e monumentos – atraem o olhar dos turistas para localidades que contenham tais particularidades, ou seja, para o diferenciado. Colônias de imigrantes são exemplos de que o turismo baseado em elementos étnicos e culturais tem espaço para nelas se desenvolver. O modo como os imigrantes se instalaram e construíram nos seus territórios de vivência, trazendo as lembranças de seus países de origem, desperta a curiosidade dos turistas e visitantes ávidos por novidades.

O lócus deste estudo foi a comunidade de Castrolanda⁴, colônia fundada por imigrantes holandeses, situada no município de Castro (Paraná), o qual pode ser considerado um destino diferenciado a ser visitado, entre outros alinhados à história do estado do Paraná. O modo como os descendentes ainda mantêm a cultura e as tradições holandesas vem sendo alvo do interesse de turistas cada vez mais, como se constata em Castrolanda Cooperativa Agroindustrial (2012): “Inúmeros visitantes, procedentes do Brasil e do exterior, visitam anualmente a Castrolanda. Aqui conhecem um pouco mais dos traços da cultura holandesa [...]”.

Na comunidade encontram-se alguns elementos com cunho étnico holandês, como o moinho e o Café De Molen (com sua culinária típica), símbolos marcantes que representam a Holanda. Com esse entendimento inicial, apresenta-se o objetivo deste estudo: verificar a relação entre o legado étnico holandês e a identidade cultural local de modo a apresentar os principais produtos culturais encontrados na comunidade de Castrolanda.

Ressalva-se que, ao analisar a ligação entre o legado étnico holandês e a identidade local, se buscou ir além da ideia de considerá-lo apenas de interesse turístico, mas também foram levados em conta os resultados da pesquisa empreendida anteriormente por Bahl (2004, p. 21) na cidade de Curitiba. Em tal pesquisa o autor traz a seguinte observação: “ao tratar de um tema tão complexo como esse, relacionando patrimônio cultural oriundo de um legado étnico com o turismo, pretendeu-se contribuir para a diversificação do leque de opções de atrativos na cidade de Curitiba”. Ou seja, teve-se como desdobramento a mesma intenção, mas em Castrolanda.

A metodologia é teórica e de campo, realizada com base em referenciais bibliográficos/ eletrônicos e observação *in loco*; tal observação também é assistemática, e de acordo com Marconi e Lakatos (2003, p. 192) pode ser compreendida como “espontânea, informal, ordinária, simples, livre, ocasional e acidental” e “consiste em recolher e registrar os fatos da realidade sem que o pesquisador utilize meios técnicos especiais ou precise fazer perguntas diretas”.

Os autores que fazem parte das discussões desta pesquisa trabalham com etnicidade, cultura, identidade, imigração, turismo e geografia. Entre eles estão Seyferth (1988), Cordeiro (2007), Rickli (2004), Grünewald (2003), Castells (1999), Poutignat e Streiff-Fenart (1998), Harvey (2002), Haesbaert (1999), Bahl (2004), Bonnemaïson (2002), Claval (2001) etc.

IMIGRAÇÃO HOLANDESA

Segundo consta em História do Brasil (2012), a imigração holandesa ocorreu principalmente em dois momentos: nos séculos XIX e XX. Especificamente no século XIX o Brasil necessitava de mão de obra, pois os negros já não eram mais requisitados para tal finalidade:

A imigração, portanto, era vista como uma solução: representava mão-de-obra qualificada e, ao mesmo tempo, barata. Nesse período não era mais interessante a utilização da mão-de-obra do homem negro, já liberto da escravidão no país, por ser considerado despreparado pelos Republicanos (CORDEIRO, 2007, p. 30).

⁴ Não há definição oficial sobre a condição de Castrolanda. Gabriel (2011) em sua dissertação a define como distrito de Castro. Rickli (2004) trata dela como colônia. Para os moradores, trata-se de um bairro da cidade de Castro. Aqui será utilizado o termo colônia e comunidade de Castrolanda.

A vinda desses imigrantes europeus teve grande incentivo por parte do governo brasileiro, que tomou algumas medidas a fim de contribuir para a entrada deles no país. Seyferth (1988, p. 278) destaca algumas delas: “[...] liberdade religiosa, agilidade nos processos de naturalização, regulamentação da propriedade de terra [...]”. Outra questão relevante mencionada por Cordeiro (2007, p. 33) foi o povoamento das colônias do sul do país. Os imigrantes que fossem para essa região tinham a possibilidade de se tornar proprietários e produtores, além de ganharem moradia e alimentação até que se estabelecessem.

Os incentivos eram grandes, aliados a outros fatores como o clima. Muitos imigrantes desembarcaram no Brasil para refazer sua vida, e um desses grupos era o de imigrantes holandeses. De acordo com Cordeiro (2007, p. 34), já no começo do século XX o governo brasileiro voltou a incentivar a formação de colônias. Foi então que no ano de 1911 a companhia de ferro norte-americana Brazil Railway Company criou a colônia de Carambeí, para a qual os primeiros imigrantes holandeses que chegaram no período migraram do município de Irati, onde as condições de vida não eram boas.

O autor menciona que os imigrantes se instalaram em Carambeí, trabalhando para a companhia férrea norte-americana, a qual dava terras em troca de exclusividade na produção leiteira. Assim, teve início uma das principais colônias de imigrantes holandeses no Brasil, que posteriormente passou a contar com a distribuição de sua produção leiteira por meio da Batavo Cooperativa Agroindustrial (CORDEIRO, 2007, p. 41).

Outro movimento importante da imigração holandesa para o Brasil ocorreu no período após a Segunda Guerra Mundial, que, de acordo com História do Brasil (2012), trouxe para o país entre os anos 1946 e 1976 um número de 6.098 holandeses, fundando colônias e cooperativas conhecidas em todo o território nacional: Holambra (São Paulo – SP), com sua Cooperativa Agropecuária Holambra, produtora de algodão, cereais, frutos e principalmente flores – produto símbolo da Holanda –, colocando a cidade como maior produtora e exportadora de flores da América Latina; Não me Toque (Rio Grande do Sul – RS), produtora de soja e trigo; e Castrolanda (Paraná – PR), com a Cooperativa Agroindustrial Castrolanda, que tem a bacia leiteira mais produtiva do Brasil.

Como o foco desta pesquisa se ateu à colônia de Castrolanda, apresentam-se em seguida alguns aspectos da sua história. Para tanto serão expostas algumas características consideradas marcantes da colônia e de seus imigrantes.

CASTROLANDA

De acordo com o portal eletrônico da prefeitura de Castro (2014), a colônia de Castrolanda faz parte do município de Castro, localizado no segundo planalto paranaense, distante 159 km de Curitiba (capital do estado), contando com uma população de 67.084 habitantes (IBGE, 2014). A colônia de Castrolanda foi construída com a ajuda de muitos imigrantes que já estavam instalados em Carambeí. A formação dela proporcionou segurança e um bom planejamento na vinda dos outros imigrantes (KIERS-POT, 2001). Na época (1949) o governo brasileiro mostrou-se interessado em promover a imigração de europeus para dar impulso ao desenvolvimento da agricultura e da pecuária no país (GALLAS; GALLAS, 2012).

Verificou-se em Castrolanda a presença de imigrantes e descendentes holandeses que preservam sua cultura e seu modo de viver, propiciando aos visitantes e turistas uma viagem ao país de origem desses imigrantes. Para identificar o posicionamento da colônia foram inseridas duas figuras a seguir, a primeira indicando a localização do município de Castro

no estado do Paraná (figura 1) e a segunda com a indicação da localização da colônia de Castrolanda em Castro (figura 2).

Figura 1 – Localização do município de Castro no estado do Paraná



Fonte: Abreu (2006)

Figura 2 – Localização de Castrolanda no município de Castro (Paraná, Brasil)



Fonte: Elaborado por Pereira (2013)

Como mencionado anteriormente, o movimento que trouxe os imigrantes holandeses para Castrolanda aconteceu no século XX, após a Segunda Guerra Mundial. Rickli (2004, p. 4) esclarece como se deu esse movimento de emigração para a colônia, que foi fundada em 1951:

O movimento de emigração que a originou foi promovido por duas entidades não-governamentais protestantes – a *Christelijk Emigratie Centrale* (Central Cristã de Emigração) e a *Christelijk Boeren en Tuinders Bond* (Liga Cristã de Granjeiros e Horticultores) – cujos representantes visitaram algumas regiões no Brasil e acabaram por optar pelas proximidades do município de Castro (grifos do autor).

O perfil do grupo que participou da construção da colônia e da cooperativa foi, como expõe Rickli (2004, p. 3), um “grupo de agricultores protestantes holandeses vindos, sobretudo, de duas províncias de base rural do nordeste da Holanda: Drenthe e Overijssel”. Ainda, segundo o autor, imigrantes pioneiros tiveram grande importância no desenvolvimento da colônia e até mesmo da região, tendo eles uma das maiores bacias leiteiras do Brasil.

Também considerada uma das maiores cooperativas agrícolas do Brasil, a Cooperativa Castrolanda representa grande parte da produção do município de Castro, gerando renda e empregos para o município (CASTROLANDA COOPERATIVA AGROINDUSTRIAL, 2012).

Ao caminhar por Castrolanda se nota um cenário característico e diferenciado, detentor de particularidades. Constatou-se que o cenário da colônia, por si só, desperta o interesse em conhecer a cultura do povo holandês. Mediante a arquitetura de configuração holandesa, o moinho característico da Holanda, a gastronomia, as danças do grupo folclórico e até o rosto de cada morador, é possível imaginar estar na própria Holanda.

Além dessas características, observa-se ainda a participação dos moradores enquanto comunidade; eles trabalham unidos defendendo interesses em comum. No local existe a Associação dos Moradores, da qual fazem parte alguns moradores e representantes da cooperativa, sendo divididos em presidente, vice-presidente, tesoureiros e secretários (BALDISSERA, 2010, p. 32). Por ela passam todas as questões importantes a serem resolvidas na colônia. É o caso dos assuntos de turismo, que, antes de irem para a associação, passam pelo Conselho do Turismo, no qual se discutem as ideias e propostas para as modificações da área (BALDISSERA, 2010, p. 33). No momento em que se chega a uma conclusão sobre determinada questão, levam-se as ideias para a associação, que as repassará aos responsáveis para saber se eles aprovam ou não a proposta.

Sobre esse aspecto de participação da comunidade, Nitsche (2013) diz que as propostas sobre o turismo precisam estar integradas à dinâmica local e devem ser construídas na própria comunidade, sendo necessário conhecer a história local e os aspectos identitários da população antes de propor projetos turísticos.

Enfim, a chegada dos imigrantes holandeses e a criação de suas comunidades trouxeram ao Brasil uma nova etnia e assim novos costumes, que se constatou ainda estarem sendo cultivados e passados de geração a geração. Considera-se que tais costumes podem ser utilizados a favor da atividade turística, pois chamam a atenção daqueles que não conhecem a cultura e os costumes desse povo. Portanto, no próximo tópico será trabalhado o legado étnico dos imigrantes holandeses.

LEGADO ÉTNICO HOLANDÊS

Para Grünewald (2003, p. 145), “etnicidades são fenômenos sociais que refletem as tendências positivas de identificação e inclusão de certos indivíduos em um grupo étnico”. Já para Poutignat e Streiff-Fenart (1998, p. 129),

[...] etnicidade nunca é a simples expressão de uma cultura já pronta. Ela implica sempre um processo de seleção de traços culturais dos quais os atores se apoderam para transformá-los em critérios de consignação ou de identificação com um grupo étnico.

É dizer que os imigrantes holandeses da comunidade de Castrolanda se adaptaram ao seu novo local e nele reconstruíram seus traços culturais, diferenciando-se de outras comunidades e da sociedade do entorno em geral.

Grünewald (2003) caracteriza grupo étnico como aquele que deve se remeter às nações de origem, história, cultura e raça comuns. A identidade do grupo étnico é outra característica a ser lembrada, já que ela define e representa o grupo étnico. Descrita por Castells (1999, p. 23) como “fontes de significados e experiências construídas” e por Silva e Carvalho (2008, p. 5) como “[...] alicerces para sua forma de organização, para sua relação com os demais grupos e de seu agir político”, ela demonstra a especificidade de cada grupo étnico, na qual um grupo se diferencia de outro.

Segundo Bonnemaïson (2002, p. 94), o conceito de etnia está relacionado a um grupo vivido e não deve ser entendido como uma realidade congelada e biológica, mas como um “campo de existência e de cultura, vivido de modo coletivo por um determinado número de indivíduos”.

Para Haesbaert (1999), não se pode esquecer que a identidade desses grupos étnicos (tradicionalistas) está ligada a um território, pois ali criaram e desenvolveram suas tradições.

Assim, a noção de territorialidade aparece na formação das identidades culturais, já que está ligada ao sentimento de identidade baseado na ideia de uma origem comum entre pessoas, seja pela ascendência comum, seja por uma história assumida pela coletividade, seja pela existência de um espaço ao qual o grupo atribua elos místicos (CLAVAL, 2001, p. 179-180).

Com base em Claval (2001, p. 181), entende-se que os sentimentos de identidade “favorecem, através do sentimento de territorialidade, a emergência de espaços culturalmente homogêneos e, ao mesmo tempo, permitem aos indivíduos ou aos grupos manterem suas especificidades quando estão misturados entre si”.

Independentemente do lugar em que a pessoa se encontre, a identidade apoia-se no poder da tradição, e, como esse poder não subestima a dificuldade de manter a história, pensando na perspectiva da pós-modernidade e toda sua dinamicidade, haveria por parte da comunidade um esforço para manter as suas tradições, de forma a conservar e construir sua identidade; assim a tradição seria preservada ao ser “mercadificada” e comercializada (HARVEY, 2002).

Em Castrolanda, visualiza-se que os elementos empregados na colônia são compreendidos como uma forma de expressar e manter a identidade do grupo, porém, para que ela tenha um sentido de existência, “[...] deve ser analisada como um discurso que os grupos têm sobre eles mesmos e sobre os outros” (CLAVAL, 1999, p. 15). Portanto, torna-se imprescindível destacar e exibir os elementos da cultura do grupo étnico, pois esses o definem, o diferenciam dos outros. É importante que tais grupos tenham sua própria marca e, quando não a tiverem, que a criem, a fim de fortalecer sua etnicidade (GRÜNEWALD, 2003).

Pensando nos elementos culturais dos grupos étnicos, considera-se importante divulgá-los para que mais pessoas conheçam o modo como determinadas comunidades vivem, sua gastronomia, folclore, música, ou seja, o legado étnico desses grupos, pois, diferentemente do modo vivido pelo povo brasileiro, em princípio esse tipo de legado desperta o interesse de visitantes e turistas para conhecer locais com tais particularidades.

Nesse sentido, os turistas que tencionam visitar essas localidades expressam o desejo de entrar em contato com diferentes culturas, de visualizar os elementos étnico-culturais do grupo que ali vive. Dessa forma, o patrimônio cultural apresenta-se como atrativo ou potencial turístico da comunidade. Silva e Carvalho (2010, p. 206) comentam:

[...] o patrimônio cultural implica sentidos de permanência, pertencimento e persistência, considerando-se que a produção material e simbólica de uma determinada comunidade torna-se elo de identificação do grupo a um *ethos* cultural comum, vetor de transmissão e compartilhamento de memórias individuais e coletivas, e das tradições. Essas são reinterpretadas e reconfiguradas no presente, porém, mantendo-se o substrato que lhe deu origem.

Se pensado como atrativo turístico, esse patrimônio cultural pode ser considerado um produto cultural. Para Cardozo (2006, p. 145), os produtos culturais de grupos étnicos que chamam atenção e têm poder de atração sobre visitantes ou turistas são aqueles que

mais fortemente expressariam identidades: arquitetura, artesanato, festividades, gastronomia, vestimenta, dança e música e outras manifestações relacionadas ao dia-a-dia do grupo e que possam servir para delimitar sua fronteira étnica, passível de fruição turística [...].

Assim exposto, considerou-se possível salientar que tais elementos são capazes de desenvolver o turismo nas comunidades de imigrantes, pois no entendimento de Bahl (2004, p. 55) “[...] pode-se propor que as edificações que relembram aspectos das regiões de onde provieram imigrantes são de grande potencial turístico”.

Portanto, para atrair turistas que se interessam pela “vivência cultural no âmbito de comunidades remanescentes de etnias específicas” (SILVA; CARVALHO, 2010, p. 210), desenvolve-se o turismo étnico, que de acordo com o Ministério do Turismo (BRASIL, 2006, p. 13) “é a vivência de experiências autênticas e o contato direto com os modos de vida e a identidade dos grupos étnicos”. Tais grupos têm sua própria cultura, entendida como uma cultura imigrante, definida com base em práticas alimentares, religiosas, sociais, entre outras, que lembram aos próprios imigrantes – moradores locais – que eles não são daquele lugar, remetendo-os assim às suas origens (CUCHE, 2002).

Dessa forma, a comunidade em questão pode apresentar seu legado como potencial direcionamento para a atividade turística. Para tanto, serão apresentados a seguir os elementos da cultura holandesa identificados, considerados como atrativos culturais de interesse turístico da comunidade, ou seja: o moinho, o Museu Casa do Imigrante Holandês, a Igreja Evangélica Reformada, o Grupo Folclórico Holandês e o Café Pub Kroeg De Molen.

Moinho

Foi construído em homenagem aos 50 anos de imigração. Tem 37 metros de altura e, segundo Castrolanda Cooperativa Agroindustrial (2011), desde sua fundação ele já havia recebido a visita de 30 mil pessoas. O visitante percorre os andares e em cada um é contada a história de como aconteceu o movimento migratório para o Brasil e como foi construída a colônia. Ao chegar ao último andar, é projetado um vídeo sobre o funcionamento dos moinhos. Logo depois o monitor responsável encena e explica a função desse moinho. Quando o visitante vai para a área externa tem a visão completa do centro da colônia. Esclareça-se que a descrição completa da visita no atrativo ocorreu por observação direta no próprio local. Na mesma construção encontram-se a Artelanda (loja de suvenires e artesanatos locais) e a biblioteca da comunidade, além de um memorial da imigração holandesa (CASTROLANDA COOPERATIVA AGROINDUSTRIAL, 2011).

Figura 3 – Moinho Castrolanda



Fonte: Baldissera (2013b)

Museu Casa do Imigrante Holandês

Esse museu preserva a memória, a cultura e a tradição dos imigrantes holandeses. Ele reproduz as primeiras casas construídas na colônia. Os cômodos estão organizados conforme a época em que uma família nele se instalava (KIERS-POT, 2001).

Figura 4 – Museu Casa do Imigrante Holandês



Fonte: Baldissera (2013c)

Igreja Evangélica Reformada

Foi inaugurada em 1966, seguindo os ritos religiosos realizados na Holanda. É integrada principalmente por imigrantes e descendentes, que celebram todos os domingos o culto em holandês (CASTROLANDA COOPERATIVA AGROINDUSTRIAL, 2011).

Figura 5 – Igreja Evangélica Reformada



Fonte: Baldissera (2013a)

Grupo Folclórico Holandês

Foi criado pela senhora Thillij Kleinsmidt em 1953, logo após a chegada dos primeiros imigrantes. Com os trajes originais da cidade marítima de Volendam, o grupo busca se manter fiel ao folclore holandês, que aborda o amor e a luta do homem na construção de sua pátria (CASTROLANDA COOPERATIVA AGROINDUSTRIAL, 2011).

Figura 6 – Grupo folclórico



Fonte: Castrolanda Cooperativa Agroindustrial (2011, p. 37)

Café Pub Kroeg De Molen

Aberto de sexta a domingo, o local serve porções, bebidas tradicionais e típicas holandesas, como o café holandês. O local ainda realiza eventos com café colonial, almoço, jantar e coquetéis (MOINHO CASTROLANDA, 2014).

Figura 7 – Café Pub De Molen



Fonte: Moinho Castrolanda (2014)

Os locais citados representam uma diversidade de ingredientes culturais, como os espaços de socialização, de fé, de lazer, de serviços e de uma história vivida em conjunto, esta última materializada pelo acervo do museu e pelos aspectos arquitetônicos das edificações. Assim, também o patrimônio imaterial do folclore faz alusão às origens desse povo, nos seus momentos de lazer e diversão, na prática do idioma natal, no cotidiano das antigas gerações, cantado nas músicas, expresso nos trajes que fazem referência ao passado, entre outras representações da identidade cultural.

Além desses elementos, notam-se outras particularidades da cultura holandesa que estão presentes no dia a dia ou em ocasiões especiais da comunidade: na gastronomia a comida *Stampot zure kool*, feita de batata com chucrute; em festas como a *Oranjefeest*, dia da rainha na Holanda (maior festa popular do país), e a festa de *Sinterklaas* (São Nicolau); a presença da religião evangélica reformada protestante; e ainda a língua holandesa (CASTROLANDA COOPERATIVA AGROINDUSTRIAL, 2012).

Pode-se considerar que tais fatores têm atraído turistas e visitantes até a localidade, pois proporcionam um olhar sobre outra cultura, outra tradição, neste caso a holandesa. Para os moradores se faz relevante a utilização desses elementos como atrativo, ajudando a preservar sua dança, gastronomia, música, e remetendo-os ao seu país de origem. Para Bahl (2004, p. 69):

O turismo atuando no âmbito de divulgação de uma cidade pode servir também como estimulador para o resgate da lembrança viva dos fatos de uma localidade que podem ser trabalhados com a comunidade, melhorando a compreensão do que é visto e entendendo o seu significado.

Dessa forma, pode-se afirmar que as visitas alinhadas à atividade turística vêm reforçando os laços identitários locais, possibilitando valorizar esse legado cultural caracterizador da etnia holandesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O legado étnico presente em uma localidade possibilita reavivar as lembranças – histórias e cultura – de um povo, remetendo-o às suas origens. Para os moradores é uma forma de manter sua cultura viva, presente no seu dia a dia, e isso pode constituir uma grande oportunidade para desenvolver a atividade turística.

Diante disso, o turismo torna-se importante aliado de uma localidade para divulgar a cultura local e até mesmo incentivar o resgate, a manutenção ou a criação de componentes alinhados ao seu legado étnico.

Com o desenvolvimento da atividade turística, tal legado pode ser considerado um expressivo referencial para uso nessa área, sendo alguns dos seus elementos edificados e projetados de forma a atender turistas, criando assim importantes atrativos.

No entanto, de acordo com Bahl (2004, p. 51), “não se pode afirmar que o patrimônio cultural deva ser preservado e conservado para que o turismo possa utilizá-lo como elemento de atratividade, pois a questão é muito mais abrangente, mas não se pode descartar a sua utilização como recurso de grande potencial”.

Assim exposto, por meio deste estudo foi possível verificar a presença de elementos étnicos na comunidade de Castrolanda que exercem uma territorialidade e reforçam a identidade cultural local. Por imprimirem marcas na paisagem, constatou-se que tais elementos isolados ou em conjunto têm atraído fluxo turístico. É o caso do moinho, que remete à Holanda e à história das famílias holandesas presentes em Castrolanda. Já para os turistas traz à mente um símbolo diferente do que se encontra no Brasil, aguçando o interesse em conhecê-lo.

Por fim, esclareça-se que tal temática não se conclui neste artigo, o qual compõe a etapa preliminar de uma pesquisa mais ampla, pois posteriormente se identificou a necessidade de conversar de forma mais aprofundada com a comunidade envolvida para verificar suas percepções sobre o legado cultural e respectivo uso turístico da localidade. Ressalta-se, contudo, que o artigo trouxe subsídios substanciais para identificar a presença dos elementos étnicos, descrevê-los e constatar o seu aproveitamento para o turismo.

REFERÊNCIAS

ABREU, R. L. de. **Paraná**: município de Castro. 2006. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Parana_Municip_Castro.svg?uselang=pt>. Acesso em: 20 mar. 2012.

BAHL, M. **Legados étnicos e oferta turística**. Curitiba: Juruá, 2004.

BALDISSERA, L. M. **Desenvolvimento da atividade turística na comunidade de Castrolanda**. Trabalho de Graduação (Bacharelado em Turismo)–Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual do Centro-Oeste, Irati, 2010.

_____. **Igreja Evangélica Reformada**. 2013a. 1 fotografia, color.

_____. **Moinho**. 2013b. 1 fotografia, color.

_____. **Museu Casa do Imigrante**. 2013c. 1 fotografia, color.

BONNEMAISON, J. Viagem em torno do território. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Geografia cultural**: um século (3). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. (Geografia cultural).

- BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo cultural**: orientações básicas. Brasília, 2006.
- CARDOZO, P. F. Considerações preliminares sobre produto turístico étnico. **Pasos**, v. 4, n. 2, p. 143-152, 2006.
- CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTRO – Prefeitura. Disponível em: <<http://www.castro.pr.gov.br>>. Acesso em: 14 maio 2014.
- CASTROLANDA COOPERATIVA AGROINDUSTRIAL. Disponível em: <www.castrolanda.com.br>. Acesso em: 19 nov. 2012.
- _____. **Revista 60 anos Castrolanda**, ed. especial, 2011. Disponível em: <<http://www.castrolanda.coop.br/>>. Acesso em: 20 mar. 2012.
- CLAVAL, P. **A geografia cultural**. 2. ed. Florianópolis: UFSC, 2001.
- _____. O território na transição da pós-modernidade. **GEOgraphia**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 7-26, 1999.
- CORDEIRO, S. V. A. L. **A constituição da Escola Evangélica de Carambeí**: uma instituição educacional da imigração holandesa na região dos Campos Gerais. Dissertação (Mestrado em Educação)–Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2007.
- CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: Edusc, 2002.
- GABRIEL, K. **Geografia do cotidiano**: representação espacial e resistência cultural na zona pessoal cotidiana (ZPC) de imigrantes em Castro – PR. Dissertação (Mestrado em Geografia)–Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/25655/Dissertacao%20-%20KELTON%20UFPR%202011.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 13 nov. 2013.
- GALLAS, A.; GALLAS, F. D. **Holandeses no Brasil**: 100 anos de imigração positiva. São Paulo: do Autor, 2012.
- GRÜNEWALD, R. A. Turismo e etnicidade. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 9, n. 20, p. 141-159, out. 2003.
- HAESBAERT, R. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Z. (Org.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.
- HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 2002.
- HISTÓRIA DO BRASIL. Disponível em: <<http://www.historiabrasileira.com/brasil-republica/imigracao-holandesa/>>. Acesso em: 18 nov. 2012.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 14 maio 2014.

IPBICARA. Disponível em <<http://ipbicara.wordpress.com/2012/08/22/igreja-evangelica-reformada-de-castrolanda-uma-igreja-que-investe-no-reino-de-deus>>. Acesso em: 3 abr. 2013.

KIERS-POT, C. **Castrolanda 50 anos: 1951-2001**. Castrolanda: Cooperativa Castrolanda, 2001.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MOINHO CASTROLANDA. Disponível em: <<http://www.moinhocastrolanda.com.br/atracoes/moinho-2>>. Acesso em: 14 maio 2014.

NITSCHKE, L. B. Por um turismo para as comunidades locais. **Turismo & Sociedade**, Curitiba, v. 6, n. 3, p. 713-717, jul. 2013.

PEREIRA, H. **Localização de Castrolanda (Paraná, Brasil)**. 2013. 1 mapa.

POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. **Teoria da etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Unesp, 1998.

RICKLI, J. F. Religião e parentesco na colônia Castrolanda. **Revista de Antropologia**, v. 47, n. 2, p. 493-527, jul./dez. 2004.

SEYFERTH, G. Imigração e colonização alemã no Brasil: uma revisão da bibliografia. **Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais (BIB)**, n. 25, p. 3-55, 1988.

SILVA, R. E. de; CARVALHO, K. D. O turismo de base comunitária como alternativa para o etnodesenvolvimento da comunidade quilombola de Filipa – MA. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE TURISMO SUSTENTÁVEL, 2., 2008, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: SITS, 2008, p. 1-15.

_____; _____. Turismo étnico em comunidades quilombolas: perspectiva para o etnodesenvolvimento em Filipa (Maranhão, Brasil). **Revista Turismo & Sociedade**, Curitiba, v. 3, n. 2, p. 203-219, out. 2010.